

# Raúl presidiu 22ª Reunião do Conselho de Ministros da AEC

ESTUDIOS REVOLUCIÓN

• NA presença do presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros, general-de-exército, Raúl Castro, foi inaugurada, em 10 de março, em Havana a 22ª Reunião do Conselho de Ministros da Associação dos Estados do Caribe (AEC).

Ao iniciar a sessão, o chanceler cubano, Bruno Rodríguez, lembrou as palavras do presidente cubano, na Cúpula da Comunidade dos Estados Latino-americanos e do Caribe (Celac), na República Dominicana, onde sustentou que «nunca tem sido mais necessário avançar pelo caminho da unidade, reconhecendo os inúmeros interesses comuns».

O encontro desenvolveu-se no hotel Tryp Habana Libre, em Havana e está enquadrado no processo de revitalização do mecanismo regional, fundado em Cartagena de Índias, em 1994.

A reunião foi presidida, ainda, pela secretária-geral da AEC, June Soomer; o presidente do Parlamento cubano, Esteban Lazo, o vice-presidente do Conselho de Estado, Salvador Valdés Mesa e outros funcionários.

O chanceler cubano afirmou que «importantes mudanças têm ocorrido no panorama mundial, da 7ª Cúpula da AEC, celebrada em Havana, a estes dias, que repercutem significativamente em nossa região».

Rodríguez Parrilla afirmou que as políticas migratórias excludentes e repressivas anunciadas em países de destino, que pudessem derivar em maiores deportações e discriminação de migrantes latino-americanos

e caribenhos, bem como a aplicação de medidas protecionistas em extremo, em termos comerciais, constituem verdadeiros desafios para nossa subregião.

Asseverou que nossos governos têm o dever e a responsabilidade «na construção de sociedades justas e equitativas, que tenham como centro o ser humano e inclusivas» para avançar rumo à unidade e a integração latino-americana e caribenha, como sonharam nossos próceres.

Em seu discurso, a secretária-geral da AEC, June Soomer, ressaltou a importância do compromisso das mulheres com a integração e agradeceu a ratificação de sua nomeação pelos Estados membros.

«Trabalharei para garantir o patrimônio comum do Caribe», acrescentou a diplomata de Santa Lúcia. «A região tem grandes possibilidades».

Em 9 de março passado, reuniu-se o Segmento de Altos Funcionários, os quais entregaram os documentos a debater e onde se respaldou o fortalecimento da AEC.

Ainda, foi reconhecido o desempenho de Cuba na presidência pro tempore do Conselho de Ministros da Associação caribenha e se prestou homenagem ao líder da Revolução Cubana, Fidel Castro.

Durante a reunião do Conselho de Ministros previu-se o debate de temas que fazem parte da agenda, como os Comitês Especiais, as relações econômicas internacionais, o enfrentamento a desastres e às mudanças climáticas, entre outros. •



## O Caribe: um olhar atento à vizinhança

Sergio Alejandro Gómez

• AS reuniões caribenhas celebradas em Havana, de 8 a 11 de março último, deixaram sinais claros sobre o papel de protagonista de nossa «vizinhança» no devir político do continente, bem como seu potencial para se integrar, tendo pela frente um cenário internacional adverso.

A 22ª Reunião do Conselho de Ministros da Associação dos Estados do Caribe (AEC), antecedida pela 1ª Conferência de Cooperação do bloco, bem como a 5ª Reunião Ordinária Cuba-Caricom, são espaços tradicionais neste tipo de mecanismo. Na maioria dos casos, passam despercebidos em meio da cobertura noticiosa internacional.

Contudo, o convulso cenário regional, marcado pela chegada de Donald Trump à Casa Branca e seus anúncios protecionistas alarmadores e o nível outorgado pelo país anfitrião, Cuba, multiplicaram a transcendência política dos eventos, aos quais assistiu a imensa maioria das delegações convidadas.

Durante o último ano e aproveitando sua presidência pro tempore, a diplomacia cubana tem se empenhado em relançar a AEC, fundada em 1994, graças, em boa medida, ao impulso dado por Havana, em meio do 'período especial'.

A ideia inicial foi contar com um espaço de unidade política que incluísse as 25 nações que conformam o Grande Caribe, desde o México até Trinidad e Tobago. Em muitos sentidos, pode se considerar um protótipo daquilo que depois se converteria, de maneira muito mais ambiciosa, na Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac).

Durante a última década, a AEC foi perdendo impulso e não poucos apostaram em sua dissolução.

Contudo, a 7ª Cúpula, celebrada em junho do ano passado, na capital cubana, marcou o interesse de resgatá-la. Não de balde, no 37º parágrafo da Declaração de Havana, rubricada nesse encontro, encomenda-se a criação de um grupo de trabalho para revitalizar seus mecanismos de funcionamento.

A busca da consolidação do bloco iria mais além de suas fronteiras e buscaria dar maior contribuição aos processos de integração latino-americanos e caribenhos. O próprio chanceler cubano, Bruno Rodríguez Parrilla, referiu-se, no passado sábado 11 de março, à importância de que as nações caribenhas atingissem maior papel de avançada na

Celac.

«Sozinhos, nossa voz é fraca, porém juntos nos podemos fazer escutar», foi uma das reflexões constantes. Diante da influência de países sul-americanos que mudaram para governos nada interessados em preservar a obra de integração dos seus predecessores, a superioridade numérica dos caribenhos e a indiscutível liderança de muitos de seus representantes, poderia servir de contrapeso no interior do mecanismo que reúne as 33 nações independentes de Nossa América.

Talvez, a melhor forma de explicar isso fosse dada pela experiente representante diplomática de Santa Lúcia, June Soomer, quando falou em «alinhar as estrelas» entre a AEC — organização que ela dirige — a AEC, a Alba, a Caricom e a Celac.

Além das políticas, há muitas outras razões para apostar em um Caribe unido, após séculos arrastando as barreiras impostas pela colonização, o idioma e a falta de infraestrutura que permita ligar nossos países.

As reuniões abordaram a necessidade de trabalhar em parceria no enfrentamento às mudanças climáticas, melhoramento do transporte, promoção do turismo, troca econômica e cooperação em benefício da qualidade de vida dos cidadãos caribenhos.

Também se tornou evidente o potencial do Grande Caribe, composto por um mercado de 300 milhões de pessoas e situado em meio de uma importante rota comercial internacional. A região atrai multimilionários fluxos de investimentos e recebe, cada ano, mais de 40 milhões de visitantes internacionais.

No caso específico de Cuba, os números são eloquentes: dos US\$ 2,5 bilhões de fluxo comercial com os países da AEC, a 98% de crescimento das trocas com os membros da Comunidade do Caribe durante o ano 2016, em relação com 2015.

Experiências como a da Zona Especial de Desenvolvimento Mariel (ZEDM) —que já atraiu cerca de US\$ um bilhão em investimentos e que aspira a se converter em um hub comercial regional — dizem a esse respeito que ainda resta muito potencial por desatar.

Talvez poucos países estejam em melhores condições que Cuba para trabalhar a favor da integração caribenha, tanto

nos âmbitos políticos como econômicos, sem perder de vista os projetos que incluem todas as nações desde o Rio Bravo até a Patagônia.

A Ilha maior das Antilhas está unida ao território continental pela história, o idioma e a cultura — tal como ocorre a outras nações insulares que foram colônias espanholas — porém, ao mesmo tempo partilha a história de escravidão e dominação colonial do Caribe.

O nexo de Havana com os pequenos estados insulares é de longa data. Barbados, Guiana, Jamaica e Trinidad e Tobago, praticamente recém independentes, estabeleceram relações com Havana, em 1972, apesar das pressões dos Estados Unidos e a OEA, abrindo uma porta que não foi fechada desde então.

Durante décadas, a solidariedade e a cooperação, começando pela construção de um aeroporto em Granada até a Operação Milagre, têm sido nossos melhores embaixadores. Mais de 31 mil colaboradores, especialmente médicos, estão disseminados pelo Caribe e uns três mil jovens da área estudam em salas de aulas cubanas, segundo os números oficiais conhecidos.

As autoridades cubanas ratificaram, uma e outra vez, que «o Caribe sempre poderá contar com Cuba». E prova disso é o cumprimento dos compromissos de cooperação estabelecidos apesar das dificuldades econômicas do país.

A Revolução Cubana e especialmente seu líder histórico, Fidel Castro, são um símbolo da resistência dos povos caribenhos. Seu legado esteve presente em cada intervenção dos assistentes às reuniões da semana passada. E, sem dúvida, estará cada vez que se encontrem os povos da região.

Daí que, após entregar a presidência pro tempore da AEC à Venezuela, Cuba deixou bem claro que continuará contribuindo com todos seus esforços para a integração do Caribe.

Com uma estratégia combinada, mecanismos regionais lubrificadores e vontade política, as posições radicais assumidas pelo governo estadunidense funcionariam mais como um aglutinador do que como elemento paralisador.

A unidade colocaria o Caribe em uma posição estratégica para seu desenvolvimento, e ao mesmo tempo ajudaria a manter a equação política latino-americana, apesar dos recuos da esquerda na América do Sul e as nuvens negras que se anteveem no Norte. •